

Maria, a discípula amada, nos escritos joaninos

BERNARDO CORRÊA D'ALMEIDA*

Resumo: O presente artigo insere-se no quadro do centenário das aparições de Fátima, do plano pastoral da diocese – com Maria, deixai-vos renovar pelas fontes da alegria *eis o teu filho*– e das jornadas de teologia realizadas no Porto. O artigo será compassado por cinco principais momentos. Começamos por situar-nos no Quarto Evangelho. Em seguida, olharemos Maria, a discípula amada. Depois, iremos às bodas e à sua consumação. Finalmente, atenderemos ao fruto dessa aliança: a Mãe, o Filho e o discípulo amado.

Palavras-chave: Maria, discipulado, Quarto Evangelho, alegria, a amada.

Abstract: This article is part of commemorations of the apparitions in Fatima, the pastoral plan of the diocese – with Mary, let yourself be renewed by the sources of joy – and the days of theology held in the port. The article will be paired by five main moments. We begin by placing ourselves in the fourth Gospel. Then we will look at Mary, the beloved disciple. Then we will go to the wedding and its consummation. Finally, we will attend to the fruit of this covenant: the Mother, the Son and the beloved disciple.

Keywords: Mary, discipleship, fourth Gospel, joy, the beloved one.

* Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa – Porto.

I. O Quarto Evangelho

Ler o Evangelho joanino é dar atenção a um texto, a um contexto, a um significado, que se descobre na medida em que o percorremos. Ora, dar atenção é olhá-lo com cuidado, com tempo, sem reservas nem juízos prévios. Assim, observemos com atenção o modo como o autor apresenta o seu texto, o que acontece, por exemplo, no capítulo 19 versículo 35: *Aquele que viu dá testemunho e o seu testemunho é verdadeiro.*

De imediato importa colocar a questão: quem é a testemunha? A resposta dá-no-la o texto: é o discípulo amado, aquele que está, juntamente com Maria, na hora da morte e ressurreição de Jesus, momento em que pronuncia aquelas palavras. Aliás, o próprio Jesus explicita, no capítulo 21 versículos 22-23, que o discípulo amado permanece (verbo *menó* – vv.22.23) no seu escrito até à sua vinda final, cumprindo duas ações: 1) a de ter escrito o livro (verbo *graphó* no passado); 2) a de dar testemunho da vida de Deus nos factos escritos (verbo *martureó* no presente) (cf. v.24; 1,14-18). Mas, afinal, perguntamo-nos: quem é este discípulo?

Antes dessa resposta, importa não desvalorizar que falar da autoria do Quarto Evangelho inclui: 1) o que Jesus disse e fez; 2) o que os discípulos de Jesus disseram e escreveram acerca do que o Senhor disse e fez; 3) o que os discípulos dos discípulos do Senhor disseram e escreveram acerca do que o Mestre disse e fez e do que tinha sido dito e escrito acerca de Jesus. Este processo, que culminou com a edição final do Evangelho, teve como editor, ou conjunto de editores, uma personagem que se apresenta como o discípulo amado, que permaneceu no próprio testemunho.

Santo Ireneu (século II) foi o primeiro a afirmar ter sido João, Apóstolo, o autor do Evangelho. Eusébio de Cesareia, um século mais tarde, refere que Ireneu recebeu de Policarpo de Esmirna (séculos I e II, 66-155) essa tradição. Contudo, o Evangelho não atribui a autoria a João nem sequer o nomeia. Este silêncio, mais do que negar a autoria joanina, evidencia a intenção do editor final em atribuir a autoria ao discípulo amado.

Quem é, então, o discípulo amado? O discípulo amado é o *discípulo amado*, ou seja, é o discípulo definido pelo amor que recebe de Jesus. Este discípulo assim quis ser reconhecido, e não de outro modo, nem pelo próprio nome.

Este discípulo surge, pela primeira vez, reclinado sobre o peito do seu Mestre na Última Ceia (cf. 1,18; 13,23), pois vive filial e confiadamente atraído por Jesus. Ele é o único dos discípulos junto à cruz (cf. 19,26), onde recebe do Mestre Maria como sua *mãe*, pois nele se gera a sua palavra. Aquando da glorificação de Jesus, e sempre, vê e acredita (cf. 20,8).

Sendo uma personagem tipicamente joanina, o discípulo amado assume dois principais papéis no testemunho: 1) vive sempre atraído por Jesus; 2) está sempre a guiar Pedro a Jesus. Não é o predileto de Jesus em relação aos outros discípulos; é o modo como esses e nós somos chamados a ser: amados de Jesus e amando como Jesus, levando os outros à vida no Pai.

Portanto, à questão: *quem é o discípulo amado?*, a melhor resposta é aquela que o texto nos dá de um modo simples e claro: O discípulo amado é o *discípulo amado*, ou seja, recapitulando, aquele que é definido pelo amor que recebe de Jesus e pelo testemunho que dele dá. Tanto assim é que este discípulo nasce da doação plena de vida de Jesus aquando da sua glorificação (cf. 19,17-42). Na realidade, este é o evento principal, do qual nasce, no qual decorre e para o qual tende o testemunho joanino. Com efeito, o autor apresenta-nos o evento da exaltação de Jesus como um pleno evento comunicativo para todos aqueles que se dispõem a escutá-lo. Segundo a perspetiva joanina, da glória de Jesus, brotam três frutos vitais: 1) o Rei dos Judeus vence o dominador do mundo que perde o seu poder e fica manietado lutando contra si mesmo; 2) o Salvador do mundo concede ao género humano o poder de ser filho de Deus, atraindo-o à sua vida no Pai; 3) aqueles que acolhem a vida comunicada pelo Senhor glorificado são gerados como filhos de Deus.

O caminho que o autor encontrou para nos comunicar o poder de Jesus glorificado foi o de ser e de nos fazer ser em relação com a vida de Deus dada pelo seu Filho (cf. 3,1ss). Efetivamente, diz o Evangelho, o Unigénito é no seio do Pai (cf. 1,18), e aquele que dá testemunho é no seio do seu Senhor (cf. 13,23; 19,35). Jesus surge sempre em relação com o Pai, e aquele que dá testemunho está sempre em relação com Jesus. Vivem da intimidade e do amor recíproco.

Sendo assim, a palavra de Jesus glorificado é o lugar de encontro com Deus para aqueles que a acolhem. Não se trata propriamente de fazer o que Jesus diz. Mas, essencialmente, de acolher a sua Palavra, que nos atrai à sua vida. A palavra de Jesus, no olhar do discípulo amado, é a vida, é a videira que dá muito fruto em quem a recebe (cf. 12,24; 15,1ss); e o fruto é ser como Jesus, ou seja, ser gerado como filho de Deus (cf. 1,18; 2,1ss; 3,1ss; 19,25ss).

Com efeito, a Palavra viva é o conteúdo unificante de todo o testemunho, de tal modo que o texto foi concebido como um *ventre* (*kolpos* – 1,18; 13,23; 19,35) onde são gerados aqueles que vivem do alto (cf. 1,13; 3,1ss; 16,21; 20,31). É precisamente nessa dinâmica que foi criado, *do lado de Jesus* (cf. v.35), o discípulo amado, dado por Jesus como filho a Maria, sua mãe.

O termo *pleura – do lado, do seio* –, que na Septuaginta descreve a criação da mulher do lado do homem (cf. Gn 2,21-22), surge três vezes no Quarto Evangelho no capítulo 20 (cf. 20,20.25.27). O sangue e a água que brotam do

lado de Jesus, que simbolizam a vida eterna ou a vida do Espírito (cf. 4,1ss; 7,37-39; 16,7; 19,30; 1Jo 5,6-8), comunicam a plenitude da condição humana: viver em unidade com Deus (cf. 1,14c)¹.

Atenda-se que cada um de nós foi gerado no seio de sua mãe. O seio é o lugar onde nos desenvolvemos em profunda comunhão e intimidade com nossas mães e de onde nascemos para este mundo. Analogamente, o seio, o lado, de Jesus é o lugar onde nos desenvolvemos em profunda comunhão e intimidade com o glorificado e de onde nascemos para a plenitude da vida, para a fonte da nossa alegria. Assim se entende claramente a meta do Evangelho: para que *Tenhais a vida em seu nome* (20,30-31).

A vontade de Jesus é que os discípulos, sejam na sua compreensão, unidade e vida em Deus (cf. 20,31). Nesse sentido, *depois* de uma magistral *introdução* (cf. 1,1-18; 1,19-51), a *vida pública de Jesus* decorre ao longo dos capítulos 2-12 em três principais etapas, onde o Unigénito: 1) chama o povo à unidade em Deus para salvar o mundo (cf. 2,1-4,54); 2) revela a vida do Pai (cf. 5,1-8,59); 3) manifesta a vida do Pai (cf. 9,1-12,50).

A *Última Ceia*, descrita em cinco capítulos (do 13 ao 17), é uma autêntica comunicação da vida de Jesus àqueles que o escutam. A *glorificação do Rei dos Judeus* é testemunhada nos capítulos 18 e 19, onde se consuma o Evangelho com a glorificação do Salvador do mundo. O Evangelho termina com dois epílogos. No primeiro, o autor testemunha a manifestação de Jesus glorificado na unidade dos discípulos. No segundo epílogo, o Senhor manifesta-se nos discípulos, atraindo o mundo inteiro à sua vida em Deus.

O objetivo joanino concretiza-se na medida em que acolhemos a palavra do glorificado – plenamente: como o cego de nascença (cf. 9,1ss); positivamente: como os samaritanos (cf. 4,42); parcialmente: como o paralítico (cf. *eis o teu filho* 5,1ss); curiosamente: como alguns da Galileia (cf. 4,48; 6,22 *eis o teu filho* 26); temerosamente: como os pais do cego (cf. 9,22); indiferentemente: como alguns judeus (cf. 6,60ss); opostamente: como o sinédrio (cf. 11,45ss).

Certo é que entre as personagens do Quarto Evangelho aquela que melhor acolheu e manifestou a Palavra vital de Jesus foi Maria, sua mãe. Efetivamente, Maria é apresentada no Quarto Evangelho de um modo singular, pois: por um lado, nela foi concebido o Unigénito de Deus, gerou-o para este mundo e introduziu-o, em Caná da Galileia, na sua vida pública; por outro, foi dada como mãe do discípulo amado e, neste, como mãe da humanidade, nossa mãe, mãe da Igreja.

Assim sendo, claramente, nos escritos joaninos, Maria aparece como uma figura paradigmática, como modelo único. Ela é modelo do modo pleno

1 Cf. B. Corrêa d'Almeida – *A vida numa Palavra*. Porto: UCP, 2012, 17-24.

de ser humano. Tanto assim que o modo de ser de Maria dificilmente será compreendido plenamente em comparação com as demais personagens joaninas (por exemplo, com a samaritana, a adúltera, Marta e Maria de Betânia, Maria Madalena); é a partir da sua relação com Deus que a beleza do seu ser é concebível.

Talvez por isso o autor joanino a apresente, em todo o seu texto, simplesmente como a Mulher e a mãe de Jesus. O que nos permite dizer que em Maria se realiza previamente o Evangelho, por dois principais motivos: ela acolhe prévia e plenamente Jesus; a sua missão no Quarto Evangelho é concebida a partir dessa sua experiência, de tal modo que Maria assume no Evangelho joanino o papel que os anjos assumem para consigo no Evangelho de Lucas.

Em síntese, o dom pleno de vida assumido por Maria é por ela mesma entregue a cada um de nós. Ou seja, a palavra por ela acolhida é a palavra que nos dá e que nos pede que recebamos. Aliás, o modo como o Evangelho joanino foi concebido como um seio mais não é do que a experiência real de Maria, a Mulher fiel e a que gerou Jesus.

II. Maria, a discípula amada

No Quarto Evangelho, Maria nunca é chamada nem é apresentada explicitamente como discípula de Jesus. Antes, porém, de desenvolvermos este tema, importa olhar ao significado de ser discípulo no Evangelho joanino. Entre as diversas personagens do testemunho joanino, o discípulo amado é o exemplo completo do modo de ser discípulo, conforme verificámos. E Pedro aparece, no Quarto Evangelho, como o modelo de discípulo que chega ao entendimento de Jesus, ou seja, experimenta verdadeiramente o que significa ser discípulo de Jesus (cf. 13,24; 20,3ss; 21,1ss).

Pedro começa por reconhecer em Jesus aquele que tem palavras de vida eterna (cf. 6,68), deseja segui-lo, porém não o entende (cf. 13,6-11.28-30.36-38), com violência protege o Mestre (cf. 18,10-11) e nega três vezes ser um dos seus discípulos (cf. 13,36-38; 18,12-27); após a glorificação, chega a Jesus (cf. 20,3ss) e, ao unir-se a ele, é destacado na missão de levar o mundo a Deus (cf. 21,1-14); então, responde três vezes a Jesus com o seu amor e três vezes dele recebe a missão de apascentar o seu rebanho na unidade (cf. 21,15-19); finalmente, é chamado pelo glorificado a segui-lo (cf. 21,20-23). Desse modo, ser discípulo no Quarto Evangelho acontece a partir da morte e ressurreição de Jesus.

Do pensamento dispersivo deste mundo à unidade de Deus, atraído pelo Senhor, através do testemunho do discípulo amado, Pedro entende o Filho e dispõe-se a dar a vida pela unidade dos discípulos. Assim se compreende a

particular importância de Pedro no Evangelho, que, no final do testemunho, é chamado a seguir Jesus (cf. 21,19.22). O autor *projeta* em Pedro o caminho até à compreensão genuína de Jesus, do qual brota o seguimento autêntico do Senhor glorificado, que se expressa no ser amado por Jesus e no amor ao próximo, com o correspondente fruto de unidade de vida pessoal, eclesial e social².

Tendo olhado ao que significa explicitamente ser discípulo segundo o Quarto Evangelho e ao modo como se realiza essa experiência, olhamos a vivência de Maria, recordando que a ela nunca lhe foi atribuída a designação de discípula de Jesus. Entre várias dimensões que este facto nos possa despertar, uma que importa distinguir tem a ver com a dinâmica do conhecimento explícito e tácito. Efetivamente, e seguindo Vittorio Guidano, a identidade pessoal realiza-se em dois principais níveis. Por um lado, o nível explícito, ou seja, aquele que se desenrola no plano da linguagem, das representações da realidade, da racionalidade. Por exemplo: um mais um são dois; o Vaticano encontra-se em Roma; Jesus é o Filho de Deus, por ele vem-nos a salvação; amarmos uns aos outros é o mandamento primeiro da nossa fé. E, por outro, o nível tácito, ou seja, profundo, inconsciente, implícito, aquele que se desenrola desde o nosso nascimento de acordo com as primeiras experiências emocionais. Ora, o modo de conhecer tácito não só é anterior como é, de certo modo, suporte do modo explícito de perceber e é, ao mesmo tempo, espaço da compreensão profunda e, por isso, lugar da mudança, da conversão genuína³.

Dito de outro modo, antes de termos aprendido a falar e a perceber racionalmente, já éramos tacitamente aprendizes, aprendizes de emoções e de interações; daí que o modo como começámos a falar e a perceber explicitamente tenha estado e esteja condicionado ao modo como aprendemos a perceber tacitamente. Em síntese, o vínculo afetivo assume um papel modelador da identidade pessoal⁴. Importa, por isso, considerar sempre o nível explícito, racional, discursivo e, também, o nível profundo, inconsciente, aparentemente ausente e silencioso. Certo é que o nível tácito é fundamental na organização dos padrões de vida, das dinâmicas internas de conhecimento, das estruturas profundas de ser, de sentir, de pensar, de dizer. De facto, aprende-se o significado de ser filho antes de ter capacidades de o formular explicitamente.

Qualquer um de nós, antes de chamar pai ao seu pai, antes de saber o que significava explicitamente ser pai, já era um profundo conhecedor do seu pai e da sua condição de filho. Nós, os humanos, antes de sermos seres

2 Cf. B. Corrêa d'Almeida – *A vida numa Palavra*, 53.

3 Cf. V. Guidano. *The complexity of self: a developmental approach to psychopathology and therapy*. New York: Guilford Press, 1987, 32ss.

4 Cf. J. Balbi – *Terapia cognitiva posracionalista*. Buenos Aires: Biblos, 1994, 15ss.

lógicos somos seres psicológicos. Aliás, vem a propósito assinalar que o termo *tácito* vem do Latim *tacitus*, "silencioso", e de *tacere*, "calar, silenciar". Ao mesmo tempo, importa descortinar que o silêncio não é sinónimo de ausência de palavra, de significado. Pelo contrário, é no silêncio que se manifesta a palavra, que ela acontece e se manifesta em plenitude. Neste sentido, e de um modo particular no Quarto Evangelho, Maria vive no silêncio que dá vida à Palavra. Aliás, aparentemente, deixou-nos poucas palavras. Mas, na realidade, deixou-nos a palavra: Jesus. Tanto assim que à luz do mistério amantíssimo de Deus, plenamente consumado em Maria, ainda antes da dimensão tácita, psicológica, já era o amor de Deus. Ou seja, antes que Maria nascesse, antes que Jesus nascesse, antes que Maria sentisse e aprendesse a ser filha, a ser mulher e a ser mãe, já o amor de Deus a amava, a queria. Ora, essa é a experiência mais profunda de Maria, esse é o significado fundamental do ser Mulher em Maria, aquela que acolheu em si, no seu ser, como ninguém, o espírito amantíssimo de Deus, o Logos de Deus. Falar do Logos de Deus, do seu significado, é dizer a plenitude da vida, a comunhão sublime, a luz do mundo, a fonte da vida, a graça autêntica, a vida eterna. Efetivamente, Maria trouxe no seu seio o Logos de Deus encarnado, que era antes do princípio do mundo; ela amamentou Jesus, cuidou dele, ouviu-o, amou Jesus e foi por ele cuidada, ouvida, amada. Assim sendo, aquilo que significa ser discípulo, ou seja, ser amado por Deus e amar como Deus, aconteceu em Maria de um modo sublime, não apenas como um modelo construído e exemplar, mas essencialmente como uma experiência vivida, assumida e transmitida.

Por isso, Maria diz-nos, através da sua experiência, que nós, humanos, antes de sermos seres lógicos, antes de sermos seres psicológicos, somos seres amados, amados por Deus. Naturalmente, importa assinalar, de um modo integrado e dinâmico, que estamos a falar de níveis diferentes de profundidade de ser com as correspondentes diferenças de níveis de significado.

Na realidade, para um bom aluno, importa compreender bem os temas académicos. Para um bom equilíbrio emocional deste mesmo aluno, é necessário entender os significados dos seus afetos. Para que este aluno realize a condição do seu ser, importa ainda que saiba o que é ser amado por Deus. Portanto, a coerência interna, nas diferentes dimensões de significado, é fundamental para a realização da nossa vocação.

Ora, sem nunca ser chamada, no Quarto Evangelho, pelo nome próprio (Maria era sobejamente conhecida pelo nome), o autor apresenta-no-la do seguinte modo: é a mãe de Jesus, aquela que gerou o seu Filho para a sua hora; e é a *mulher*, a esposa fiel, aquela que vive totalmente de Deus (cf. v.4a; 19,26-27). Portanto, no Quarto Evangelho, Maria é apresentada por dois laços de vinculação fundamentais: ser mãe de Jesus e ser Mulher, esposa.

Por um lado, a maternidade de Maria coloca-nos diante da sua dimensão vertical, ela é a mãe, nela foi gerado o seu filho Jesus. Dando-se nela início a um novo ciclo na humanidade, em Maria, foi fecundado o amor pleno, o Logos, que gerou em seu seio Jesus. Por outro lado, a condição de ser a Mulher situa-nos na horizontalidade de Maria, ou seja, no elo de amor entre Deus, o esposo, e Maria, a esposa; entre o Amor que ama a amada e a amada que ama o Amor. Em poucas palavras, estamos no cerne da consumação da aliança de Deus com o seu povo, fonte da nossa alegria.

Ora, é precisamente à luz destas duas complementares dimensões de Maria, vertical e horizontal, que se entende que *mãe de Jesus*, segundo o desígnio do Quarto Evangelho, apareça apenas em dois momentos: nas bodas em Caná, ou seja, no início da vida pública de Jesus; e no corolário da sua vida, na hora gloriosa da sua morte e ressurreição (cf. vv.1.2.3.4; 19,25-27).

Deste modo, constatamos que Maria está explicitamente presente no princípio e no fim e sempre presente no seu Filho. As duas referências diretas à mãe de Jesus correspondem a dois momentos profundamente ligados: as núpcias em Caná da Galileia e a consumação das núpcias na hora do Filho, que seguidamente atenderemos.

III. As núpcias em Caná da Galileia

O discípulo amado inicia o testemunho da vida pública de Jesus numa boda de casamento em Caná da Galileia, sendo que as primeiras personagens que aparecem em ação são Jesus e sua mãe, Maria. Os temas do *matrimónio* e do *banquete* messiânicos situam o acontecimento no contexto da aliança entre Deus e o seu povo (cf. Pr 9,2-5; Jr 3,20; Is 54,4-8; Os 1-3; Am 9,13-14). Neste ambiente, ao terceiro dia – conforme diz o texto (cf. 1,19.29.35.43; 11,17.39; 20,1) –, o Unigénito revela o desejo de consumir o amor entre Deus e o povo. Aquando da sua hora, dirá: "*Está consumado*" (19,30). É evidente a relação entre a boda da aliança, aqui em Caná da Galileia, e a sua consumação, com a morte e ressurreição de Jesus.

Em Caná, a mãe de Jesus percebe que faltava o vinho (cf. v.3), ou seja, simbolicamente, a alegria própria do encontro do povo com a vida de Deus. Segundo Carreira das Neves, Maria representa a virgem de Sião que suspira pelos dias messiânicos, que só poderão ser de felicidade e de abundância (cf. Is 25,6-7; "*Quando o Messias começar a revelar [...] cada vinha dará mil varas, cada vara mil cachos, cada cacho mil uvas, e uma uva dará uns trezentos litros de vinho*" – 2Br 29,3,5)⁵.

5 Cf. J. Carreira das Neves – *Escritos de S. João*. UCP, Lisboa, 133ss., 2004.

Caná – do hebraico *kana*, verbo que significa *adquirir, ganhar* – era uma pequena povoação nas redondezas de Nazaré. Recorda-nos o autor, o povo é pertença de Deus (cf. Ex 15,16; Dt 32,6) e a qualidade da sua relação com Deus é a qualidade do seu fruto. Em Maria, a plenitude dessa relação expressa-se pela sua designação de ser a mulher e o fruto dessa relação, realiza-se no seu Filho, Jesus, o Filho de Deus.

Na resposta que dá a sua mãe (que anunciara: *"Não têm vinho"*), Jesus desperta-nos para a relação que mantinha com ela e orienta-nos para a sua hora: *"Que há entre mim e ti, mulher? Ainda não chegou a minha hora"* (v.4). A questão colocada por Jesus pode também ser traduzida da seguinte forma: *"Que tenho eu contigo, mulher?"* ou *"Que tem isso que ver comigo e contigo, mulher?"*.

A pergunta de Jesus, que não é uma reação contra a sua mãe, introduz ainda o pedido da mãe: *"Fazei o que ele vos disser"* (v.5). Ora, se na sua hora Jesus gera a sua mãe como mãe do discípulo amado, que, ao acolhê-la, é gerado como testemunha da vida recebida do Senhor (cf. 19,25ss), agora, em Caná, o pedido que a mãe e mulher faz (cf. v.5) gera Jesus para a sua vida pública.

Lucas descreve a vocação de Maria, a *"Serva do Senhor"* (1,38a), com as seguintes palavras *"Faça-se em mim segundo a tua palavra"* (1,38b). No Quarto Evangelho, as últimas palavras de Maria são estas: *"Fazei o que ele vos disser"* (v.5). Do desejo da mãe de Jesus, brota a relação dos diáconos com o seu Filho, que é selada pela unidade entre as palavras de Jesus e a ação dos diáconos (vv.7-8)⁶.

"Fazei o que ele vos disser" (v.5), experiência profunda dos pastorinhos em Fátima e que orientou particularmente a mulher portuguesa através de quem o mistério de Deus maior impacto consumou na história: a irmã Lúcia. Quem conheceu a irmã Lúcia bem sabe qual era o seu grande lema: tudo pela mensagem. *"Fazei o que ele vos disser"* é o mesmo que dizer: *deixai-vos renovar pelas fontes da alegria* – parafraseando o lema pastoral proposto pelo Bispo do Porto e seus bispos auxiliares.

Ὁ τι ἂν λέγῃ ὑμῖν, ποιήσατε: *"Fazei o que ele vos disser"* – une ação e palavra, fazer e dizer. Efetivamente, Deus criou-nos pela Palavra (cf. Gn 1,1ss) e recria-nos na medida em que escutamos a Palavra do seu Filho, a qual nos concede a plenitude da existência humana. O poder profundamente pragmático, atuante, gerador da Palavra de Deus, concretizou e manifestou-se em Maria, de tal modo que ela mesma testemunha simplesmente: *"Fazei o que ele vos disser"*.

Com efeito, toda a simbologia usada em Caná da Galileia assegura, no Senhor glorificado, a completa realização do ser humano; já anunciada no desejo de Jesus de que enchessem as vasilhas até ao cimo (cf. vv.7-8).

6 Cf. B. Corrêa d'Almeida – *A vida numa Palavra*, 61ss.

Não obstante ter-lhe sido dado a provar o vinho, o responsável pela boda ignorava a origem, o tempo e a qualidade do vinho dado por Jesus (cf. vv.9.10). A ignorância do chefe, num típico duplo sentido joanino (cf. 4,1ss; 6,1ss; 9,1ss; 11,1ss), desperta-nos ainda para o significado vital daquele evento escatológico: Jesus é o *lugar* onde Deus (o esposo) e Maria (a esposa) se encontram, fiel e autenticamente, celebrando o amor e a vida. Nesta dinâmica, o Evangelho é uma autêntica celebração para quem acolhe a Palavra, e um verdadeiro drama para quem não a compreende.

Estas bodas de amor genuíno, inteiro, são sinal do mesmo amor consumado aquando da exaltação de Jesus testemunhado no capítulo 19, da qual o presente evento decorre e se entende (cf. 2,4).

IV. A consumação das bodas

Após a primeira aparição explícita de Maria em João, na sua segunda e derradeira aparição, encontramos-la *Junto à cruz de Jesus* (19,25), contemplando-o com as mulheres, que, nos Evangelhos sinópticos, são referidas depois da morte, e estando distantes do crucificado (cf. Mt 27,55-56; Mc 15,40-41; Lc 23,49).

Os Evangelhos de Mateus e de Marcos nomeiam três mulheres e não se referem à mãe de Jesus. O Evangelho de Lucas não nomeia nenhuma mulher. O autor joanino serve-se simbolicamente do número 4 (universalidade) e dá todo o destaque à mãe de Jesus. As quatro mulheres estão em relação com os quatro soldados, como o discípulo amado surgiu em contraste com Judas na Última Ceia (cf. 13,23-30). Os quatro soldados receberam as vestes do Rei e as quatro mulheres estão de coração aberto diante do seu Senhor.

O autor detém-nos no olhar de Jesus dirigido à sua mãe e ao discípulo amado. É o Filho que olha, pois não está só (cf. 16,32) e quer comunicar-nos a sua vida, junto do Pai. Neste sentido, *disse à mãe: "Mulher, eis o teu filho!" E disse ao discípulo: "Eis a tua mãe!"* (vv.26-27).

Agora, a *mãe de Jesus* é gerada pela palavra do Filho como mãe do discípulo amado. Maria é o modelo de *mulher* (*guné* – cf. 2,4; 4,7ss; 8,3ss; 16,21; 20,13ss) de Israel. É a nova Eva, a mãe da humanidade (cf. Gn 3,20), que, no lugar de Abel, morto pelo irmão Caim (cf. Gn 4,25), recebe como filho o discípulo amado. A mãe de Jesus é a mulher que se esquece das suas dores vendo o fruto que nela é gerado (cf. 16,21). Em Maria realiza-se o AT, pois ela vive do seu Senhor e nela é gerado o Filho. Em Maria encontram-se o passado e o futuro, a antiga e a nova aliança, Israel e os que se reconhecem filhos amados de Deus.

O imperativo *eis* (*eidó*), do verbo *oida*, que se repete no capítulo 19 e versículos 26,27, significa *vê, guarda*. Jesus confia o discípulo amado à sua mãe, modelo de Israel; e confia a sua mãe ao discípulo amado. Logo, da glória do Unigênito é selada a unidade entre Israel e os que acreditam em Jesus, a unidade dos filhos de Deus (cf. 11,52). Quando Israel acolher aqueles que acreditam em Jesus como seus filhos e quando estes acolherem Israel como mãe, tudo se cumprirá (cf. 17,23).

Mais uma vez, o modo único de Maria acolher, como a Mulher, o filho de Deus é a condição necessária para a realização do sonho de Deus: a unidade dos seus filhos.

Neste sentido, importa destacar que a filha de Sião é descrita no AT como a mulher e a mãe da humanidade inteira (cf. Sl 87); e o retorno do exílio é apresentado como o regresso de todos ao monte Sião, que, comparado a uma mãe, reúne todos os seus filhos dispersos em torno de si (cf. Is 60,4ss; 66,8). Por isso, enquanto os outros discípulos se dispersaram, o discípulo amado é o único junto à cruz (cf. 16,32; 19,26), onde segue Jesus e recebe como sua mãe a mãe de Jesus.

Depois das palavras de Jesus dirigidas à sua mãe e ao seu discípulo, que não surgem nos Evangelhos sinópticos e que são as últimas palavras antes da sua partida, o autor afirma: *E, desde aquela hora, o discípulo tomou-a como sua* (v.27). A expressão *como sua* (*eis tà ídia* – v.25) significa *em sua casa* ou *como coisa própria*.

A hora de Jesus confirma-se como sendo um autêntico dom de comunhão e de vida. É a hora em que se torna nosso aquilo que é próprio do Filho, a hora em que quem ama e quem é amado se encontram num único amor. Mãe e filho revelam o amor do Pai e do Filho e neles é iniciada a hora daqueles que vivem do alto⁷.

O Filho é acolhido pelo Pai no céu e é recebido na terra pela mulher, sua mãe, e pelo discípulo amado, seu irmão. Na última referência à *hora no Evangelho joanino* (cf. v.27 – a primeira tinha sido nas bodas em Caná no capítulo 2 versículo 4), Jesus realiza-a recriando o ser humano na atração à sua Palavra gloriosa. Majestosamente, o discípulo amado, gerado pela Palavra do Senhor (cf. 19,25-27), dela é testemunho (cf. 2,1ss).

7 Cf. B. Corrêa d'Almeida – *A vida numa Palavra*, 246ss.

V. A Mãe, o Filho e o discípulo amado

Após a glorificação de Jesus, os soldados, vendo-o morto, não lhe quebraram as pernas (cf. 1,29.36). Entretanto, um dos soldados trespassou o *peito* ou o *lado* (*pleura* – cf. 19,34) de Jesus com uma lança. Ao brotar sangue e água do peito do glorificado cumprem-se as promessas de Jesus (cf. 2,1ss; 7,33ss; 12,32; 13,1ss) e o discípulo amado afirma: *Aquele que viu dá testemunho e o seu testemunho é verdadeiro* (v.35). Segundo o testemunho joanino, o Logos, enquanto poder criador e luz dos homens, gera aqueles que o acolhem como filhos de Deus (cf. 1,18; 3,27; 5,37; 6,46; 14,9).

É um facto: os filhos de Deus não foram gerados nem do sangue dos sacrifícios, nem da carne humana, nem da vontade do homem, mas de Deus (cf. v.13). Tal como o discípulo amado, gerado pelo amor que recebe de Jesus, aqueles que acolhem as palavras de Jesus são introduzidos no dinamismo de vida do Logos em Deus e para Deus.

Na glorificação do seu Filho, Deus leva a humanidade por si criada à sua realização plena, pois, sendo no Pai, o Unigénito comunica à natureza humana a vida de Deus. Como recorda Cirilo de Alexandria, era necessário que a humanidade fosse salva. A humanidade, ao desobedecer a Deus, tornou-se insuficiente no espírito que a torna vivente (cf. Gn 2,7) e destinou-se a ser da terra e em vista da terra (cf. Gn 3,19). O dinamismo criativo de Deus (cf. *eis o teu filho* vv.3-4a), a vida dos homens (cf. vv.4b-11), aquele que gera os filhos de Deus (cf. vv.12-13), o Logos foi-nos comunicado. O homem, em virtude do sopro divino, tornou-se um ser vivente (cf. Gn 2,4ss), e Jesus glorificado tornou-se um Espírito vivificante, pois a natureza humana, assumida pelo Logos, foi unida a Deus na pessoa do Logos pré-existente (cf. 19,17ss)⁸. Jesus glorificado habitou em nós num só corpo para que, sendo um como ele, a humanidade acolha as palavras: "*Vós sois divinos e filhos do Altíssimo*" (Sl 82,6; cf. *eis o teu filho* Jo 10,34-36).

Aparentemente, alguém poderia pensar: E Maria, onde está no meio deste discurso? No silêncio, em Jesus, ela diria!

Como sublinha Ratzinger, Jesus é inteiramente relação em Deus e perfeitamente revelação do Pai⁹. O Filho não se coloca no *lugar* do Pai, envia ao Pai. Segundo o discípulo amado, o Unigénito de Deus é o Irmão que nos revela o seu Pai e nosso Pai (cf. 20,17). Em unidade de vida com o Filho glorificado, acedemos perfeitamente à vida de Deus e assim podemos autenticamente dela sermos gerados.

8 Cf. CIRILO DE ALEXANDRIA – *Commento al Vangelo di Giovanni*, I, Roma: Città Nuova, 1994, 157-158.

9 Cf. J. RATZINGER – *Jesus de Nazaré*. Lisboa, 2007, 395-401.

Então, inicia-se o tempo no qual o povo pode aceder a toda a salvação (cf. 2,4; 19,17ss), no qual os filhos de Deus dispersos podem ser reunidos na unidade (cf. 12,31-32). Em vista disso, Jesus culminará a última ceia dizendo: "*Para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade*" (17,22-23).

Daí se entende a real dimensão de Maria. No seu acolhimento redentor, no seu silêncio operante, na sua maternidade global, Maria concedeu-nos e concede-nos o Filho, o Irmão, o Amor na sua expressão mais genuína. Os filhos de Deus, vendo superados os limites da carne, unem-se em Deus, pois o Logos mora neles e eles no Logos. Desse modo, o movimento do Logos ao mundo une-se ao movimento do Logos para Deus, atraindo à sua vida em Deus todos aqueles que o acolhem (cf. 3,16), de tal modo que nestes é a sua morada no mundo.

Os filhos de Deus, os gerados pelo Logos, veem a glória do Unigénito cheia de graça e de verdade (cf. v.14b) e unem-se no movimento de graça em graça que não cessa, pois, se a Lei foi dada por Deus a Moisés (cf. Ex 40,1ss), a graça e a verdade (cf. v.17), que essa continha e contém, foram perfeitamente comunicadas em Jesus.

Poderíamos ser tentados a perguntar: mas, afinal, como será isso possível? A resposta é clara, serena, silenciosa – diz-nos Maria: "*Fazei o que eles vos disser*".